O CONTINENTE AFRICANO E A FORMAÇÃO DO SISTEMA ATLÂNTICO

Flavio Thales Ribeiro Francisco

Globalização, um fenômeno recente?

- Quando, em 1989, caía o Muro de Berlim, simbolizando o fim da Guerra Fria, o mundo passou a vivenciar uma nova fase das relações entre os países.
- As inovações tecnológicas ocorridas desde a década de 1970, as transformações políticas e econômicas aceleraram os processos de integração regional nas Américas e, principalmente, na Europa, o desenvolvimento de meios de transporte e comunicação, entre outros aspectos, passaram a configurar o que se denominou de “nova ordem mundial”.
- O mundo estaria vivenciando uma nova fase: a globalização. Contudo, o fenômeno da globalização que tanto é citado nos últimos anos é apenas mais uma fase de um processo mais amplo iniciado desde o século XV.

Expansão Ibérica

- A expansão europeia inaugurada pelos ibéricos desde o século XV com as grandes navegações permitiu, pela primeira vez, um contato entre os povos de todos os continentes do planeta.
- Desde então, vários fatores contribuíram para que o intercâmbio entre as diversas regiões do mundo se intensificassem. Europeus, africanos, os nativos da América e asiáticos estabeleceram (intencionalmente ou não) uma rede extremamente complexa de trocas econômicas, políticas, culturais e biológicas. Uma das principais atividades que permitiram a conexão entre esses vários continentes foi o **comércio de escravizados.**

Contexto dos estudos Atlânticos

- Com o contexto da Guerra Fria e uma nova aproximação dos EUA com a Europa houve um impulso para se pensar o Atlântico como uma comunidade. Essas questões e demandas acabaram, então, por ser incorporadas pelos historiadores (e pela academia em geral) que passaram, principalmente, a partir da década de 1950, a dedicar seus estudos a uma perspectiva atlântica.
- Ainda nesse período surgiram várias instituições voltadas especificamente para esse tema. A grande questão no momento era pensar a civilização ocidental (em contraposição ao bloco soviético) e havia fortes interesses políticos e ideológicos envolvidos (David Armitage, 2004)

HERANÇA BRAUDELIANA



O que não é uma perspectiva Atlântica

- Bernard Bailyn, para responder a esses questionamentos, utilizou-se de uma estratégia da negação, ou seja, afirmar aquilo que não seria uma História Atlântica. Para o autor, pensar a história a partir de uma perspectiva atlântica não é fazer o mesmo que **Fernand Braudel** fez em relação ao Mediterrâneo.
- Este historiador teria analisado o mar Mediterrâneo de uma forma estática, quase a histórica, o que não acontece na abordagem atlântica. Da mesma maneira, uma história atlântica **não seria uma história "imperial", destacando a história dos impérios ultramarinos**, apesar de estes pensarem em uma perspectiva transatlântica.

Perspectiva Atlântica

- O autor apresenta o debate no decorrer do século XX e aponta para as principais contribuições de uma História Atlântica. Para ele, o que diferencia a abordagem atlântica é que esta se preocupa com vários aspectos ao mesmo tempo.
- Pensa as relações entre várias regiões que compunham o oceano Atlântico. Interagem **aspectos demográficos, econômicos, políticos, sociais e culturais, articulando sempre as especificidades locais e a dinâmica geral do Atlântico.**
- Nas palavras de Bernard Bailyn, "In many ways, then—in demographic, social, economic, and political history—the unit of discussion had broadened out to encompass the entire Atlantic basin" (BAILYN, 2005, p. 50). O Mundo Atlântico seria o resultado do encontro de mundos distintos.

Críticas

Uma das críticas gira em torno do fato de o Atlântico, pensado dessa maneira, fecha-se nele mesmo, não se abrindo a pensar **outros oceanos**. Sem dúvida, havia trocas deste oceano com outros.

Contudo, as trocas estabelecidas pelos europeus, americanos e africanos mediadas pelo Atlântico foram mais significativas e numerosas do que destes com outras partes do mundo.

Os críticos da História Atlântica a veem como uma **"história imperial"** melhorada, não caracterizando necessariamente um campo específico.

Em defesa da ideia de Mundo Atlântico, Morgan e Greene admitem a importância de se pensar os impérios, mas ressaltam que as fronteiras dos impérios eram muito mais flexíveis do que imaginamos. Nessa perspectiva, a abordagem atlântica apreenderia melhor esses detalhes.

Crítica

- a História Atlântica não levar em consideração as população do interior dos continentes, focando mais em suas margens e no fato de dedicar-se mais às relações transnacionais, esquecendo, assim, as regiões fronteiriças.
- **Em resposta a tais acusações, os autores afirma que os "atlanticistas" não esquecem essas populações interioranas**. Ao contrário. Tentam sempre articular aspectos locais ao contexto mais amplo do Atlântico, além destacar como este interfere nas regiões mais distantes.

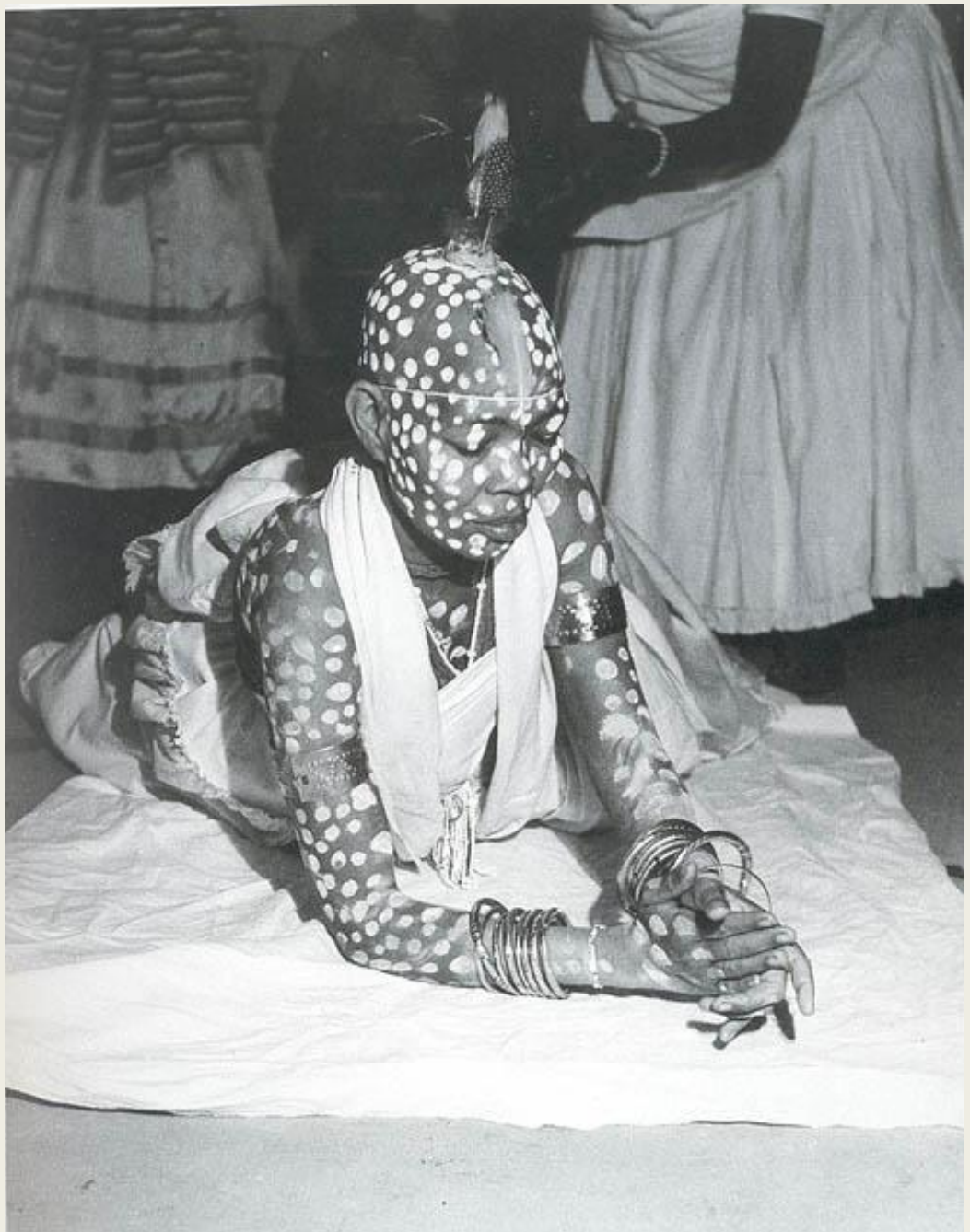
Uma História Atlântica de perspectiva dos de baixo

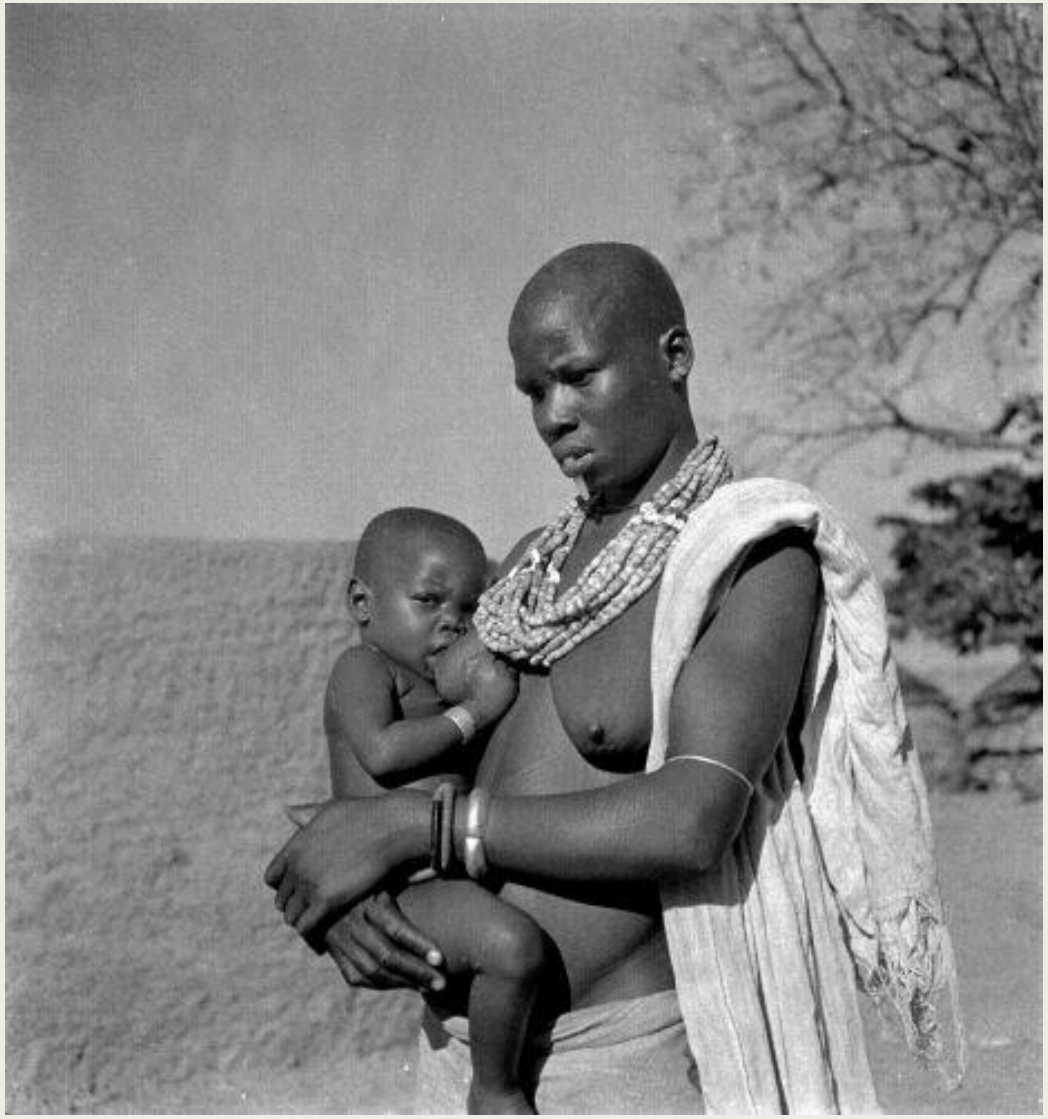
- Se a proposta é uma história atlântica vista de baixo, a presença dos africanos escravizados é fundamental. A história atlântica foi por muito tempo vista apenas de uma **perspectiva do Norte (europeia e estadunidense).**
- É preciso pensá-la a partir de outras perspectivas, ressaltando também outras áreas, como o Atlântico sul. Como a interessante metáfora de Linebaugh (1983, p. 32) demonstra: “imagine sua mão como um oceano e os dedos como continentes: o dedo indicador é a Inglaterra, o dedo do meio é a África, o dedo anular são as Índias Ocidentais, e o mindinho é a América do Norte.
- Eles cooperam para construir uma imensa comunidade. O polegar associa a todos eles: é o navio”. Dentre os vários navios que conectaram o Mundo Atlântico, o negreiro foi o mais marcante.

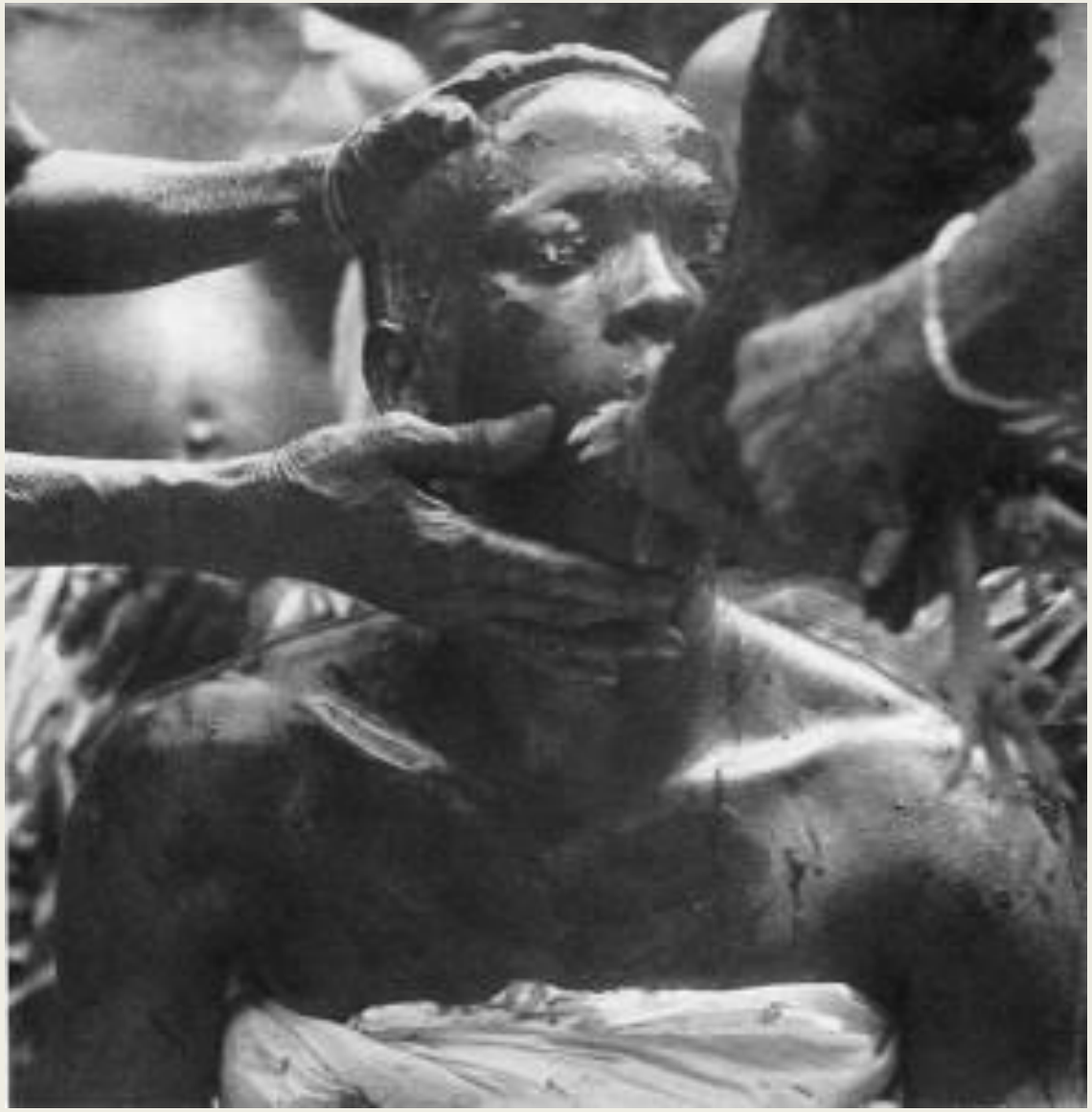


Pierre Verger

- Pierre Edouard Léopold Verger (Paris, França 1902 - Salvador, BA, 1996). Fotógrafo, etnólogo, antropólogo, escritor. Aprende a fotografar com Pierre Boucher (1908-2000), em 1932, quando adquire sua primeira Rolleiflex. Percorre diversos países e colabora com jornais e revistas europeus e americanos, como Paris-Soir, em 1934;
- Após 1946, concentra seu estudo na cultura iorubá e passa a fixar suas observações por escrito, passando de fotógrafo a escritor e etnólogo. Em 1966, obtém o título de doutor de terceiro grau da Sorbonne (Paris, França), com tese sobre o tráfico de escravos entre o Golfo do Benin e Bahia nos séculos XVII ao XIX. Em 1974, integra o corpo docente da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

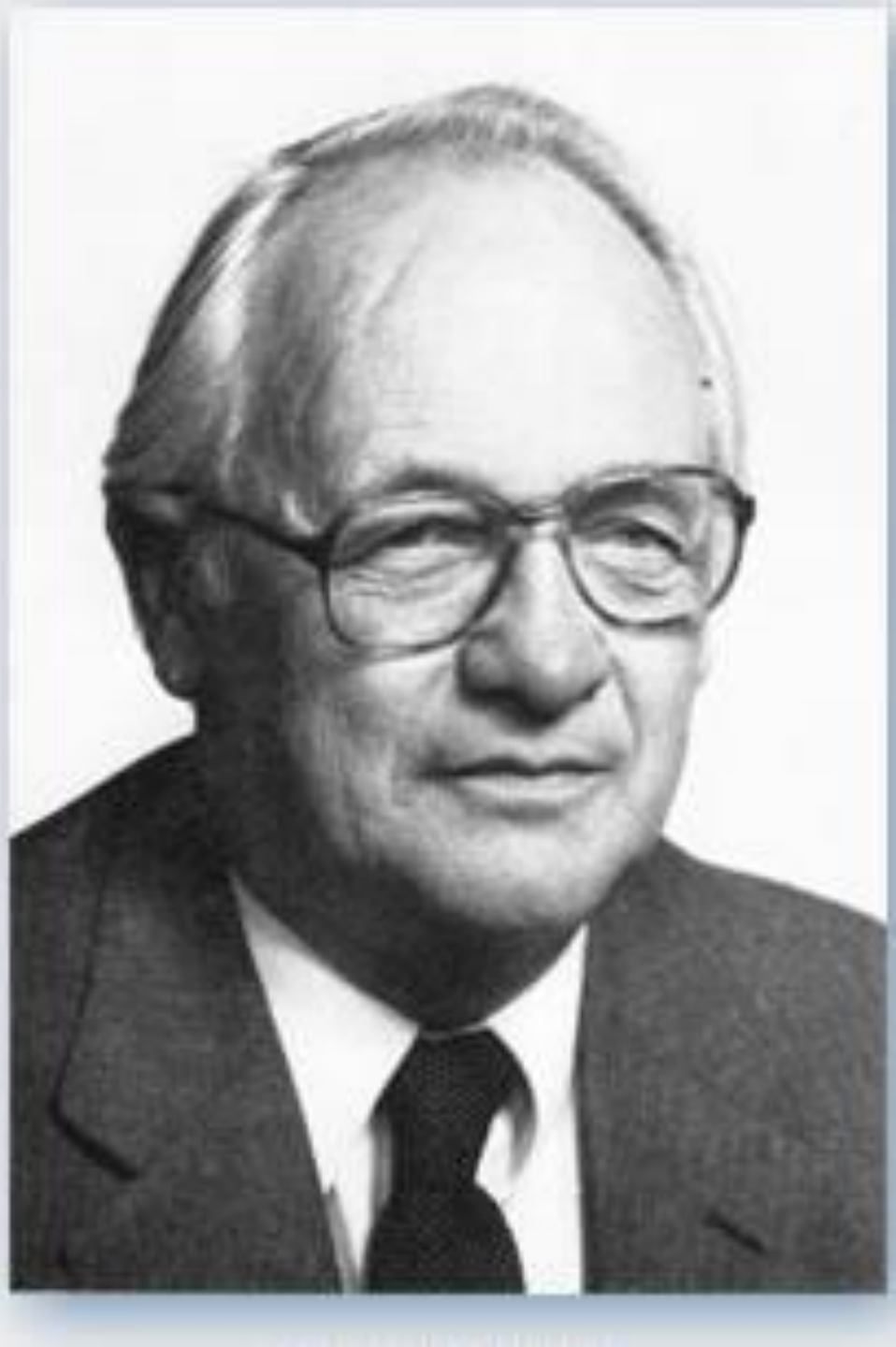






Philip Curtin

- O livro de Philipp Curtin, The Trans-Atlantic Slave Trade: a Census (1969), foi um marco nos estudos quantitativos do tráfico escravista no Atlântico. Insatisfeito com as estimativas amplamente divulgadas sobre o tráfico transatlântico, – que variavam entre 13 milhões e 25 milhões de escravos – **Curtin sintetizou todos os cálculos efetuados e os dados até então publicados acerca do tráfico transatlântico** e dos desembarques na América, corrigindo as estimativas e acrescentando outras próprias.
- Assim, reduziu pela metade a estimativa total, até então difundida, de escravos desembarcados nos portos do Atlântico, **de 20 milhões para cerca de 9,5 milhões**, admitindo que esse número poderia chegar, no máximo, a 11 milhões



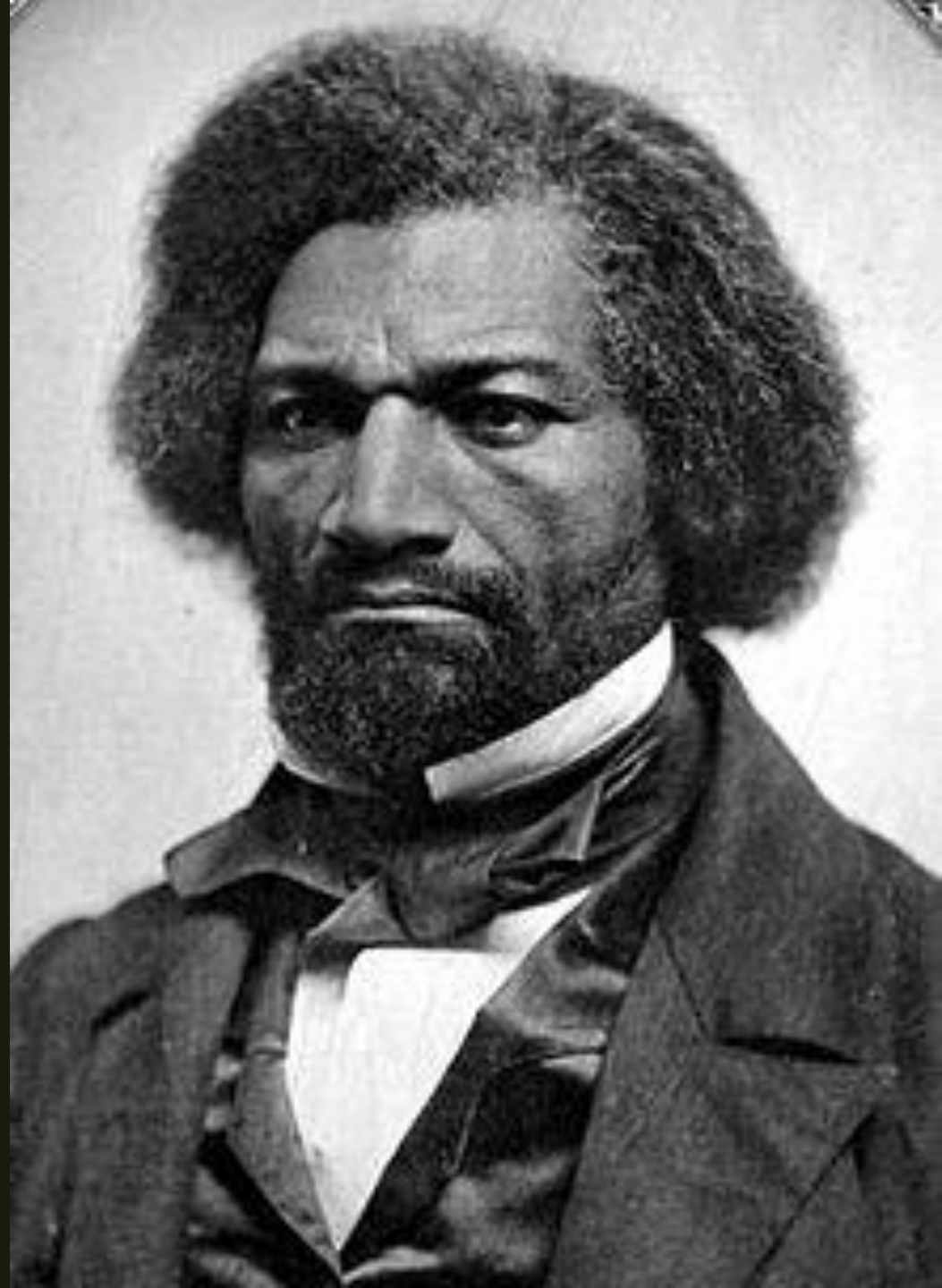
Para além das narrativas abolicionistas

Os primeiros estudos sobre o tráfico negreiro foram desenvolvidos na última década do século XVIII, impulsionados pela articulação do abolicionismo britânico.

As narrativas dos abolicionistas, entretanto, foram carregadas de dramaticidade, obscurecendo a dimensão do tráfico negreiro e o seu impacto no escravismo das Américas.

O colonialismo, entretanto, desarticulou os estudos sobre tema, alicerçado sobre a ideia de que os europeus levaram a civilização para o continente.

ABOLICIONISMO ATLÂNTICO – FREDERICK DOUGLASS





O nascimento da cultura afro-americana (Sidney Mintz e Richard Price)

- Nesse estudo, dois antropólogos acrescentam uma voz comedida ao debate sobre as raízes da cultura afro-americana. Explorando os vínculos culturais entre africanos e afro-americanos, os autores argumentam que não houve nenhuma cultura isolada que os africanos escravizados tenham transportado intacta para as Américas.
- Sugerem, que escravos africanos de muitas sociedades começaram a forjar uma nova cultura já durante o pesadelo da travessia oceânica, a partir de uma compreensão comum e de crises compartilhadas, e que essa cultura tinha instituições, crenças religiosas e papéis de parentesco distintos.



Paul Gilroy

- O intelectual britânico, associado ao Estudos Culturais, utiliza o termo “Atlântico Negro” para demonstrar um espaço marcado pelas trajetórias de intelectuais negros, circulação de ideias e elementos culturais negros, criticando a tendência de afro-centristas e europeus de apagarem a dinâmica temporal e espacial de experiências negras no Atlântico.



John Thornton

- John Thornton acrescentou novos elementos ao debate ao afirmar o papel central dos africanos, e até mesmo o controle por estes, do referido comércio.
- Citando a correspondência trocada, na primeira metade do século XVI, entre o “rei” do Congo Afonso Nzinga e o rei de Portugal D. João III, Thornton demonstra que o Manicongo não apenas se beneficiava do comércio atlântico de escravos, como também tomava providências para controlá-lo.
- As cartas trocadas entre os dois soberanos também seria analisada, no final dos anos 1990, pelo historiador britânico Robin Blackburn.



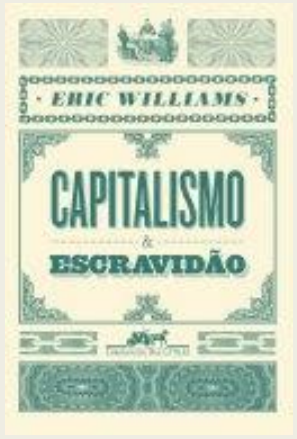
Linda Heywood

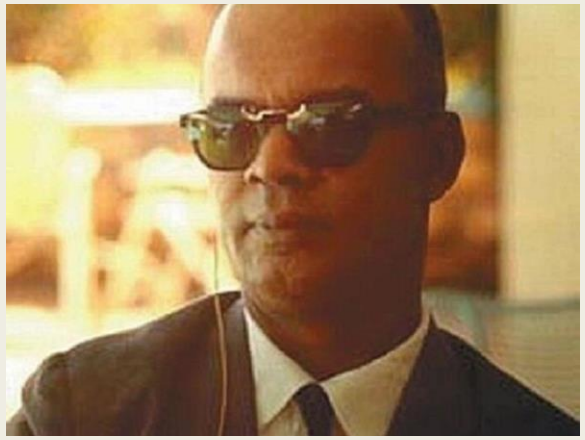
- Linda M. Heywood é professora de História da África e Diáspora Africana na Universidade de Boston, Massachusetts (EUA). Doutorou-se em História Africana pela Universidade de Columbia. Começou sua carreira na Universidade Estadual de Cleveland (1982-1984) e lecionou no Departamento de História da Universidade Howard de 1984 a 2003. Autora de livros e artigos da área, tem sido consultora de várias exposições em museus, entre elas African Voices, no Instituto Smithsonian, Against Human Dignity, no Museu Marítimo, e a exposição permanente The Jamestown Settlement aberta em abril de 2007, na cidade de Jamestown, Virgínia. Também participou dos programas African American Lives e Finding Oprah's Roots, patrocinado pela televisão pública norte-americana. Pela Contexto é organizadora do livro "Diáspora Negra no Brasil".

Joseph Inikori

- Joseph E. Inikori se formou na Universidade de Ibadan, na Nigéria, onde concluiu o seu doutoramento nos anos 1970. Em seguida, ele passou a lecionar em outra destacada universidade nigeriana, a Ahmadu Bello, onde foi professor por 15 anos (1974-1988). Ele fez parte do que se tornou conhecido como a “Escola de História de Ibadan”, ou seja, um conjunto de historiadores africanos que renovaram os estudos sobre a África, em particular das sociedades que compuseram a Nigéria quando de sua independência, desde os anos 1950, apartir da fundação da Universidade de Ibadan
- Seu livro mais conhecido, *"The Invention of the Atlantic World"*, desafia as narrativas tradicionais sobre a escravidão e o comércio atlântico, oferecendo uma visão detalhada de como as economias africanas se desenvolveram e mudaram à medida que as relações com os europeus e as Américas se intensificaram. Inikori também tem se dedicado a estudar o impacto do comércio de escravos nas estruturas sociais africanas e nas culturas locais, ressaltando como as populações africanas foram forçadas a adaptar suas práticas econômicas e políticas em resposta à escravidão.
- Além disso, Inikori também tem sido um importante defensor do reconhecimento e da compreensão histórica das consequências duradouras da escravidão para as populações africanas e seus descendentes ao redor do mundo, enfatizando como as legadas do colonialismo e do tráfico transatlântico ainda têm repercussões profundas na sociedade contemporânea.







CAPITALISMO E ESCRAVIDÃO

Manolo Florentino

- Com amplo domínio da bibliografia sobre o tema e uma extensa pesquisa de fontes documentais – entre elas, listagens dos navios negreiros, inventários post-mortem e registros eclesiásticos.
- Florentino articulou pesquisa quantitativa e análise qualitativa para desvendar o tráfico negreiro para o Rio de Janeiro dos séculos XVIII e XIX enquanto operação de contínua oferta de mão de obra a baixo custo, mecanismo altamente lucrativo que transformou os mercadores de escravos na mais importante fração da elite brasileira, posição que lhes facultava influenciar decisivamente os destinos do Estado.





Trato dos viventes

- Um dos pontos mais inovadores de "O Trato dos Viventes" é o foco que Alencastro dá à conexão entre Brasil e África. Ele argumenta que a história do Brasil colonial foi fortemente influenciada pela presença africana, não apenas por meio dos escravos que eram trazidos para cá, mas também pelas continuidades culturais, políticas e sociais que existiam entre os dois lados do Atlântico.
- Angola, em particular, desempenhou um papel central na formação do Brasil, sendo a principal fonte de escravos para as plantações e o mercado interno. Alencastro argumenta que o Brasil e Angola faziam parte de um único sistema econômico interdependente, com uma elite mercantil que operava em ambos os lados do Atlântico.

Europa “subdesenvolvida”

- No momento do desembarque de Cristóvão Colombo nas Antilhas, em 1492, as economias da Europa Ocidental eram, por definição, subdesenvolvidas. **A agricultura de subsistência e o trabalho artesanal independente permaneciam as atividades econômicas dominantes**, isso em razão da proporção da população ativa nelas envolvida.
- **As atividades manufatureiras faziam parte, ainda integralmente, da agricultura e, apenas parcialmente**, ocupavam uma mão de obra agrícola consumidora direta da maior parte de sua produção

Crescimento e transformações internacionais

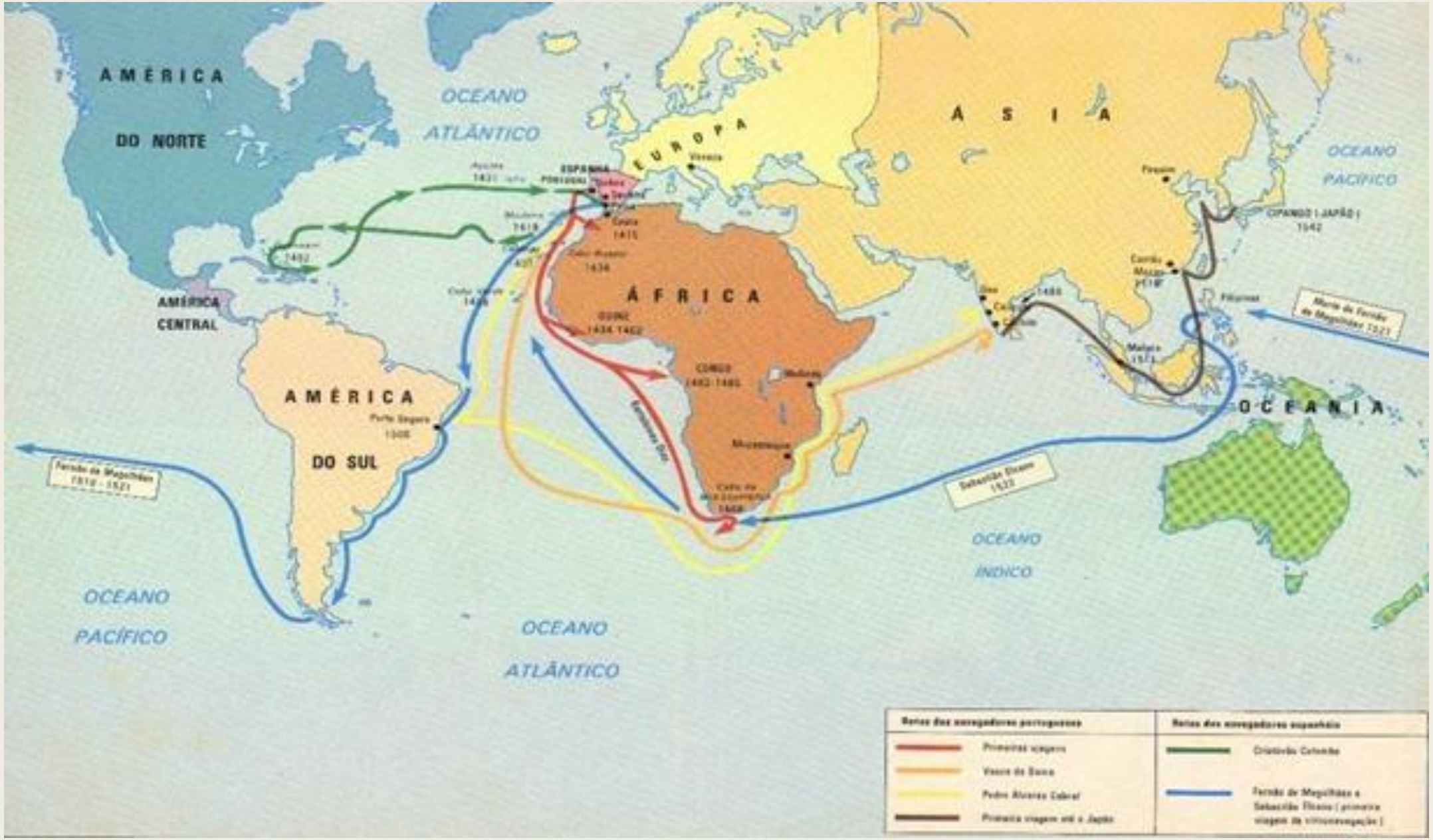
- Contudo, durante três ou quatro séculos, antes da chegada de Colombo ao Novo Mundo, a Europa Ocidental passou por algumas importantes mudanças estruturais.
- Na Idade Média, **o crescimento da população e sua redistribuição regional estimularam consideravelmente o comércio inter-regional e internacional.**
- Conseqüentemente, tais fatores também permitiram importantes **transformações institucionais** em certo número de países

O mercantislimo europeu e as trocas intraeuropeias

- Um comércio muito ativo organizou-se em torno do transporte marítimo de mercadorias da **África e das Américas: os escravos africanos partiam rumo às Américas, enquanto os produtos agrícolas e metais preciosos eram enviados das Américas rumo à Europa Ocidental.**
- A título de exemplo, as quantidades de açúcar legalmente importadas das Américas pela Europa Ocidental atingiram, no mínimo, 151.658 toneladas por ano, em 1740-1750, e 193.005 toneladas em 1760-177025.
- Em razão das restrições impostas pelos países colonizadores da Europa Ocidental sobre os fluxos de mercadorias na entrada e na saída de suas colônias, a distribuição dos seus produtos americanos, na **Europa, tornou-se um fator primordial para o crescimento das trocas intraeuropéias** nos séculos XVII e XVIII. A Inglaterra, a França e a Holanda constituíram os principais beneficiários dessa evolução.

Especialização do Atlântico

- O território, que no final do século XVIII, daria origem aos Estados Unidos, nos oferece uma referência para compreendermos um processo de especialização do sistema atlântico.
- As colônias do mais ao Sul, se especializaram na exportação de produtos agrícolas, produzidos por escravos
- No centro, agriculturas familiares.
- No norte, como em **Massachussetts,** por exemplo, os portos, a partir da disponibilidade de madeira, transformaram a região em centro de transportes.


AMÉRICA
DO NORTE
OCEANO
ATLÂNTICO
EUROPA
ÁSIA
OCEANO
PACÍFICO
ESPANHA
PORTUGAL
Veneza
Ceuta
1415
Cabo Bojador
1434
ÁFRICA
GUINÉ
1434-1462
CONGO
1482-1485
Malaca
Cabo da Boa Esperança
1488
Cipango (JAPÃO)
1542
Filipinas
Malaca
1511
Porto Seguro
1500
AMÉRICA
CENTRAL
AMÉRICA
DO SUL
OCEANIA
OCEANO
ÍNDICO
OCEANO
PACÍFICO
OCEANO
ATLÂNTICO
Primeiras viagens
Vasco da Gama
Pedro Álvares Cabral
Primeira viagem até o Japão
Cristóvão Colombo
Fernão de Magalhães e Sebastião Elcano (primeira viagem de circunavegação)

Primeiros contatos entre africanos e europeus

- O interesse inicial dos europeus, em seus primeiros contatos com a África subsaariana **não era a obtenção de escravos.**
- Segundo vários autores, a intenção dos portugueses era contornar a costa da África Ocidental **para atingir as minas de ouro localizadas no Gana atual.**
- Apenas **após perceberem a presença da escravidão e o dinamismo do comércio de escravos no continente africano é que os europeus** teriam se dedicado a vender cativos

Um comércio vantajoso em relação às Índias

- Alguns autores defendem que o comércio de escravos africanos para as Américas e o Caribe teria se tornado uma opção interessante para os mercadores portugueses, sobretudo a partir do século XVII, por vários motivos: **tal mercado era mais acessível para eles que o asiático;**
- **não exigia a disponibilidade de ouro ou prata (que eram requeridos no Oriente em troca das especiarias); envolvia bens secundários, como tecidos e ferramentas, que eram trocados por escravos; possibilitava o uso de meios de transporte mais simples e baratos** que os grandes galeões necessários ao comércio no Oriente

“Estratégias” de ocupação dos europeus

- Para alguns estudiosos, os portugueses optaram pela exploração econômica da costa ocidental africana com um mínimo de ocupação, em função das muitas doenças ali existentes. Outros, no entanto, explicam a opção pelo modelo de feitorias por motivos diferentes. A prática de comércio pelos europeus – e não apenas de comércio de escravos – foi sempre dependente da **aceitação e do controle das elites africanas.**
- As tentativas de evangelização e penetração no continente, com a exceção relativa do estabelecimento de uma colônia portuguesa em Luanda a partir do final do século XVI, **nunca conseguiram se afastar do modelo de feitorias fortificadas** no litoral, tributárias de comerciantes e autoridades africanas.

Debate sobre o impacto do tráfico em África

- Se a periodicidade na movimentação de escravos era influenciada pela demanda americana, a nacionalidade, sexo e idade dos escravos incluidos no tráfico transatlântico eram, **por outro lado, determinados principalmente pelas condições africanas.**
- Todos os estudos demonstram que, excetuando-se os portugueses em Angola e Moçambique, **os europeus pouco conheciam sobre as sociedades com as quais estavam lidando**.


SLAVE TRADE
FROM AFRICA TO THE AMERICAS
1650–1860
NORTH AMERICA
U.S.
New York
Richmond
Charleston
New Orleans
Mexico City
.5 Million
TO EUROPE
.3 Million
Major Slave Trade Route
WEST INDIES
4.5 Million
CENTRAL AMERICA
.2 Million
Cartagena
Paramaribo
Pacific Ocean
SOUTH AMERICA
.5 Million
Lima
Recife
Salvador
Brazil
5 Million
Rio de Janeiro
Buenos Aires
Valparaíso
Atlantic Ocean
AFRICA
Senegal
Sierra Leone
West Africa Slave Trade Regions
Slave Coast
Congo
Angola
Tobacco
Coffee
Cotton
Sugar
Mining
Rice
Between 1650 and 1860, approximately 10 to 15 million enslaved people were transported from western Africa to the Americas. Most were shipped to the West Indies, Central America, and South America.

John Thornton e a autonomia africana

- Historiadores como John Thortnon demonstram que os africanos não dependiam dos produtos europeus. Não era uma relação de fornecimento de produtos primário por manufaturados.
- Não havia assimetrias nas trocas.
- Os Estados Africanos administravam o comércio para explorar ao máximo os valores da taxação.

Temas da obra de Thornton

- Agência Africana: Ele argumenta que os africanos não foram simplesmente vítimas do comércio atlântico de escravos, mas participantes ativos que negociaram suas condições de inserção nesse sistema. Isso não significa minimizar os horrores do tráfico, mas mostrar que líderes africanos estavam envolvidos nas negociações e no controle sobre quem era escravizado.

- Complexidade das Sociedades Africanas: Thornton mostra como as sociedades africanas eram complexas, organizadas e tinham suas próprias formas de governo, comércio e religião antes do contato com os europeus. Ele explora a diversidade de sistemas políticos e econômicos no continente, mostrando que o comércio com os europeus foi uma extensão de práticas já existentes, como o comércio interno de escravos.

- Resistência e Adaptação: Um ponto forte em seus estudos é a ênfase na resistência e nas formas de adaptação dos africanos. Ele argumenta que, embora submetidos a condições extremamente adversas no Novo Mundo, africanos e seus descendentes encontraram formas de preservar sua cultura, religião e organização social, criando novas identidades afro-atlânticas.

As influências africanas

Troca Cultural e Contribuições Africanas: Ele explora as trocas culturais entre africanos e europeus, mostrando como os africanos também moldaram as sociedades do Novo Mundo. As religiões, a música, a língua e as práticas sociais de origem africana influenciaram significativamente a formação de novas sociedades nas Américas.

Thornton desafia a ideia de que o poder europeu era absoluto, destacando como as sociedades africanas moldaram as dinâmicas do comércio atlântico e resistiram, adaptaram-se e criaram novas formas de sobrevivência e identidade no processo. Essa visão complexa e multifacetada do continente africano tem sido muito influente na historiografia moderna.

Reino do Congo

O Reino do Congo era uma grande e poderosa entidade política que se estendia por uma área que hoje inclui partes da atual Angola, República Democrática do Congo, República do Congo e Gabão. O reino tinha uma sociedade bem organizada e centralizada, liderada pelo manikongo, o título dado ao rei. Sua capital era M'banza Kongo, que mais tarde foi renomeada São Salvador pelos portugueses.

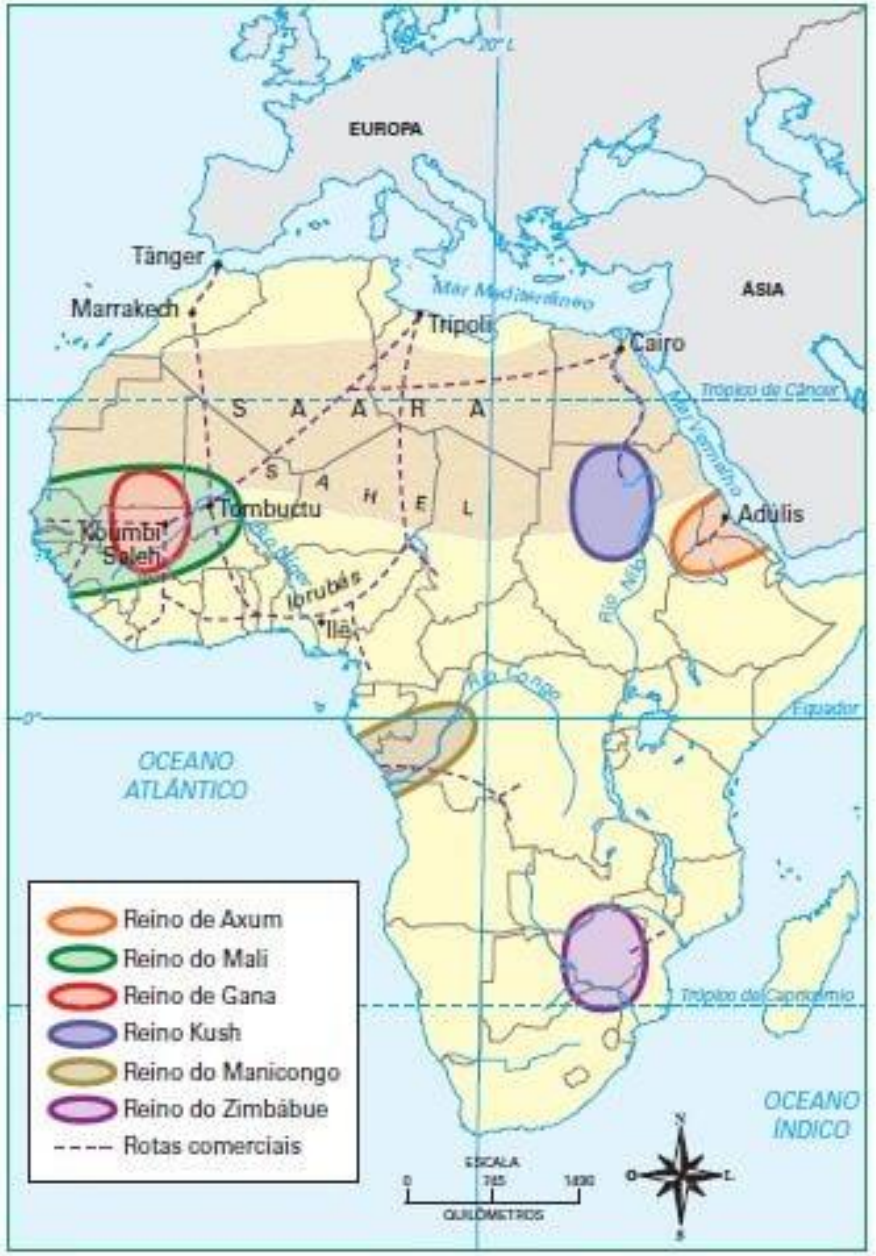
O Congo era conhecido por sua vasta rede de tributários e por sua economia baseada no comércio de produtos como cobre, marfim, tecidos e escravos. A chegada dos portugueses representou uma oportunidade, tanto para o manikongo quanto para os portugueses, de estabelecer relações que inicialmente pareciam mutuamente benéficas.

- Primeiros Contatos: Diplomacia e Cristianismo

Após a chegada de Diogo Cão ao Congo, ele fez o primeiro contato diplomático com o manikongo, Nzinga a Nkuwu. O reino viu os portugueses como potenciais aliados poderosos, especialmente em termos de armamentos e tecnologia, além de um novo parceiro comercial. Em 1485, Diogo Cão trouxe emissários congoleses para Portugal, e em troca, o rei João II enviou missionários e artesãos portugueses para o Congo.

Um dos principais desdobramentos desse contato foi a introdução do cristianismo. Nzinga a Nkuwu foi batizado em 1491, adotando o nome cristão de João I. A conversão do rei e da elite congolense foi incentivada pelos portugueses, que viram no cristianismo uma forma de fortalecer suas relações com o reino e consolidar sua influência política.

REINOS AFRICANOS (SÉCULOS VII a.C.-XV d.C.)



Fonte: WORLD History Atlas: Mapping the Human Journey. London: Dorling Kindersley, 2005.



NZINGA ANGOLA





REINO NGOLA-NDONGO

Reino do Ndongo

- O Reino de Ndongo era uma das principais entidades políticas na região que hoje corresponde a Angola. Situava-se a leste do Reino do Congo e estava ligado ao povo Mbundu. O título dado aos seus governantes era "ngola", termo que, segundo alguns estudiosos, deu origem ao nome do território que viria a ser Angola. O Rei de Ndongo foi uma figura central na resistência à expansão colonial portuguesa, especialmente a partir do século XVI. Naquela época, os portugueses estavam interessados em expandir o comércio de escravos na costa ocidental africana e em consolidar o seu domínio na região, o que levou a confrontos e negociações com o reino de Ndongo.
- Relação com os Portugueses

- A relação entre Ndongo e os portugueses oscilava entre a aliança e o conflito. Os portugueses começaram a estabelecer presença na região do Congo e Ndongo no final do século XV, após as primeiras expedições de navegadores como Diogo Cão. O objetivo inicial dos portugueses era o comércio, incluindo marfim e escravos, e converter os governantes africanos ao cristianismo.
- No entanto, os interesses portugueses rapidamente se voltaram para a subjugação de Ndongo, especialmente quando perceberam a riqueza da região e a possibilidade de explorar o comércio de escravos. Em meados do século XVI, os portugueses começaram a lançar campanhas militares contra Ndongo, principalmente a partir de suas bases em Luanda, fundada em 1576. Uma das figuras mais importantes nessa relação foi Ngola Kiluanje kia Samba, um dos reis de Ndongo. Ele lutou contra a expansão portuguesa, mas enfrentou dificuldades, principalmente devido às pressões internas e à falta de unidade entre os reinos vizinhos.

Alianças e Interesses Comerciais

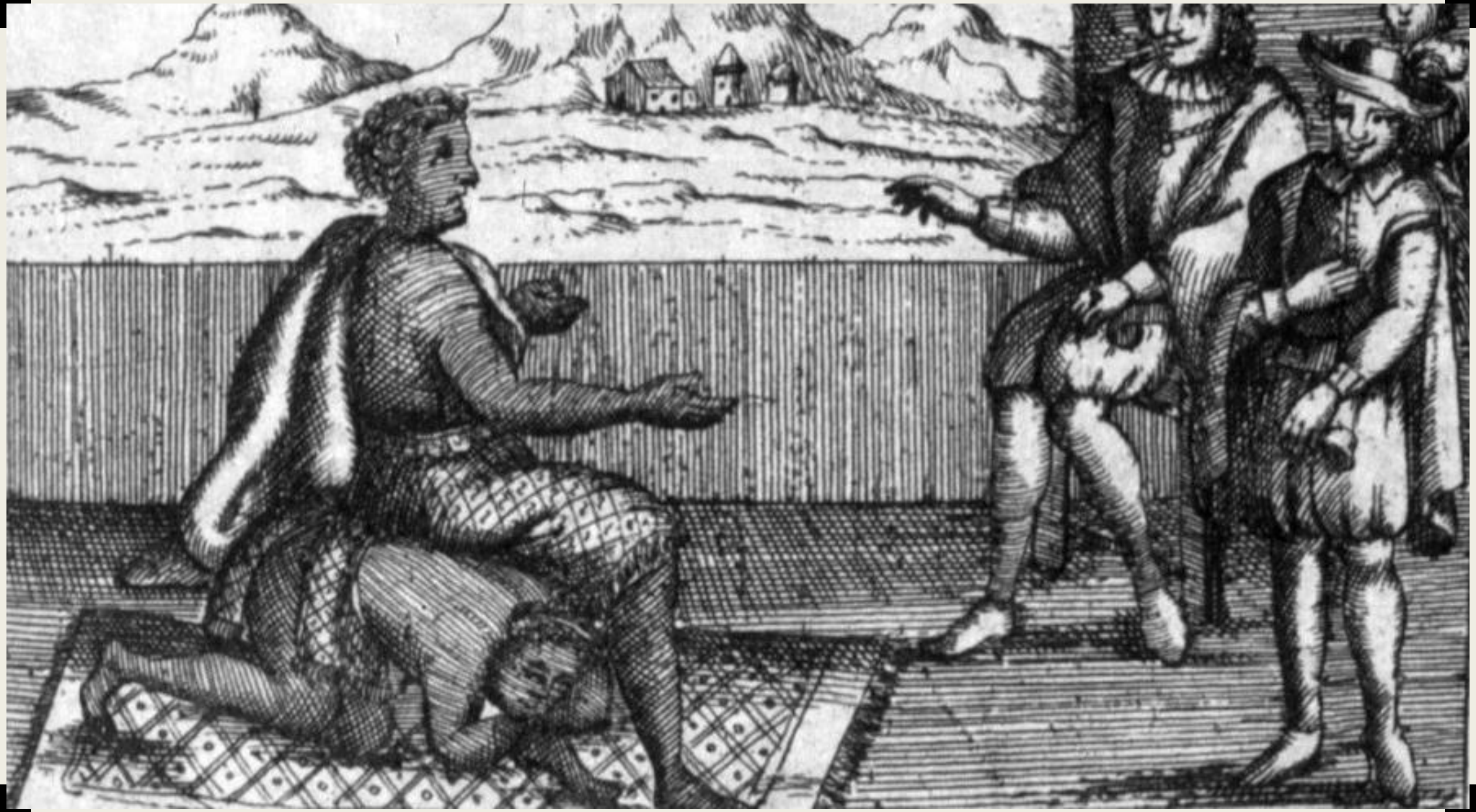
- Além da evangelização, os portugueses também se interessavam pelo **comércio de escravos**. O Congo, que já praticava a escravidão internamente, começou a fornecer escravos para os portugueses, que os enviavam principalmente para as plantações nas colônias do Brasil e São Tomé e Príncipe. O comércio de escravos logo se tornou um dos principais pilares da relação luso-congolesa.
- Por outro lado, o manikongo buscava consolidar sua autoridade interna e expandir seu poder sobre os reinos vizinhos, usando as armas de fogo e outros bens fornecidos pelos portugueses. Os dois lados se beneficiavam mutuamente: os portugueses obtinham mão de obra escrava, enquanto o Congo recebia bens e prestígio através da aliança.
- **Mudanças e Tensões**
- Com o tempo, surgiram tensões na relação. Embora o cristianismo tenha sido adotado pela elite, o povo congolense muitas vezes resistia a essa nova religião, mantendo práticas religiosas tradicionais. Além disso, a crescente demanda por escravos por parte dos portugueses começou a causar instabilidade social e política no reino. O comércio de escravos gerou conflitos internos, uma vez que muitas vezes eram os próprios congoleses que capturavam seus compatriotas ou membros de tribos rivais para vender aos europeus.

Nzinga

- A época da vida da rainha Nzinga foi extremamente conturbada, marcou o início do comércio afro-atlântico, na região da África Central Ocidental. **O percurso, da rainha estrategista no mundo atlântico, não é menos conturbado, com atuação ambígua e difusa.** A sua luta por manutenção da autonomia de seu reino e por posições melhores nas redes mercantis locais, foram obstáculos sérios as políticas portuguesas nesta região.
- A personagem da rainha foi descrita **em período de aberto conflito, durante o qual os interesses europeus estavam em luta entre eles e contra os povos da região**. O protagonismo dessa figura feminina serve para enquadrar melhor as relações entre os dois universos, africano e europeu.

Nzinga

- Nzinga Mbandi, irmã de Ngola Mbandi, vai se destacar nas guerras angolanas como líder do processo de resistência a colonização portuguesa. Sua ação política é múltipla e por vezes, considerada ambígua.
- Em 1623, como embaixadora de Ngola Mbandi nas negociações com o governador João Correia de Souza, aceita o batismo cristão e recebe o nome de Ana de Sousa.
- Após a morte do Ngola (1624) assume como regente de seu sobrinho, e é acusada de matá-lo.
  Nzinga não aceita os avanços portugueses, recusa abrir os mercados de escravos e não permite missionários em seu território



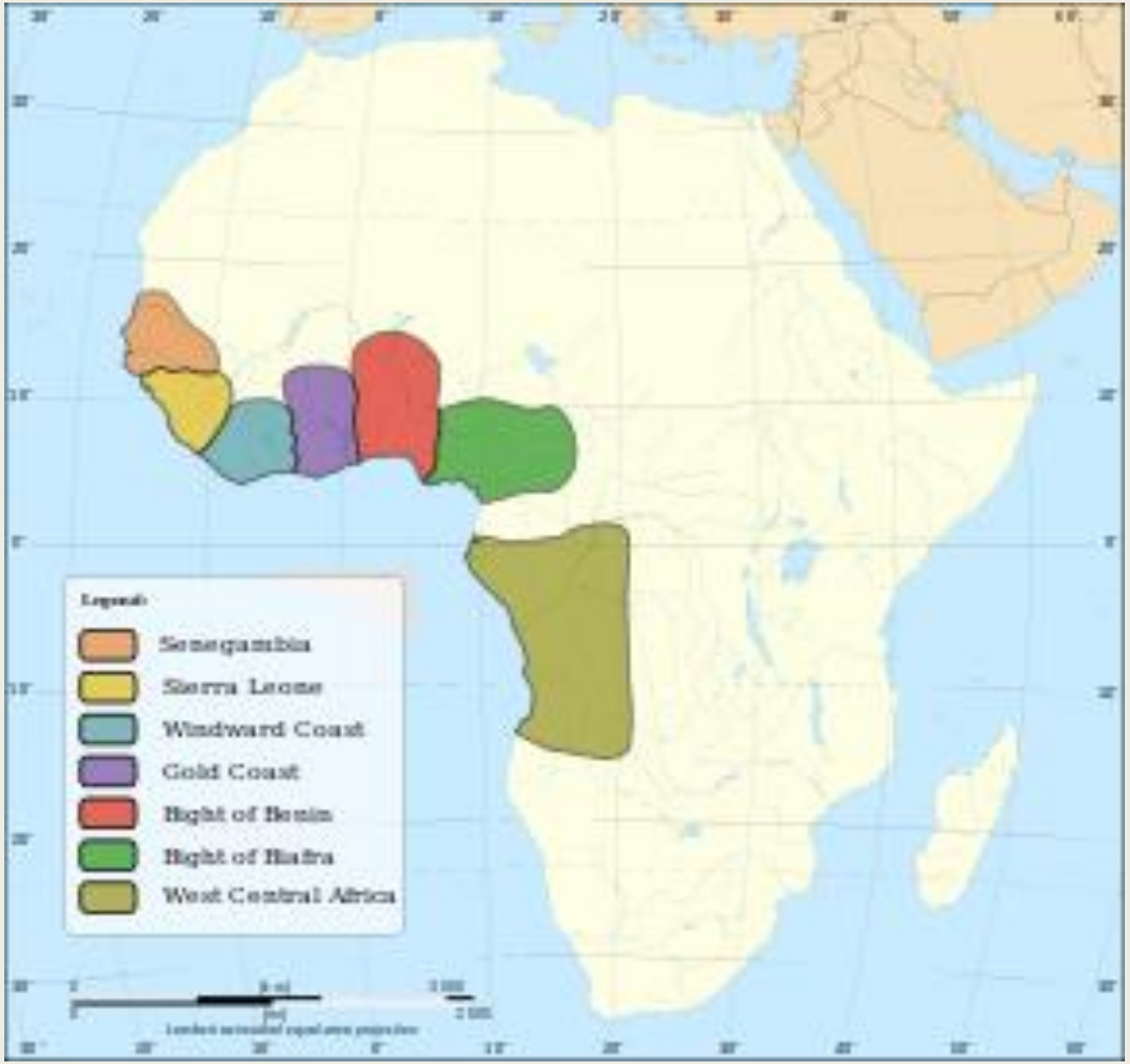


1. Fatta Giaga, d'Arco, e Trezzo armata mano accompagnata dalli suoi soldati.
2. Ingoma istrum.to millitare
3. Trombetti
4. Alfiere
5. Mubanda con Arco, e Trezzo



Os maiores centros do tráfico

- Embora a Senegâmbia (região que engloba os atuais Senegal, Gâmbia, Guiné Bissau e Guiné) e a Alta Guiné (zona oeste da África Ocidental, entre a atual cidade de Dacar, no Senegal, e o Cabo das Palmas, na fronteira da Libéria e da Costa do Marfim) tenham sido as primeiras áreas que participaram do comércio atlântico de escravos, a África Centro-Ocidental, especialmente o “reino” do Congo, foi a maior fornecedora de escravos exportados para as Américas até o final do século XVII.


Legend
Senegambia
Sierra Leone
Windward Coast
Gold Coast
Bight of Benin
Bight of Biafra
West Central Africa

Ascensão de Benin

- A partir da segunda metade do século XVII, inúmeras guerras entre estados centralizados propiciaram a intensificação da escravização na costa da Mina, na África Ocidental. Tal processo levaria o golfo do Benin a ser conhecido como “costa dos escravos”.

Chachá

- Francisco Félix de Sousa: O Chachá de Benin

Francisco Félix de Sousa, mais conhecido como "Chachá", nasceu no Brasil em 1754, em Salvador, e se estabeleceu na costa africana após uma carreira como comerciante de escravos. Ele foi um dos maiores e mais influentes traficantes de escravos da África Ocidental. De Sousa tinha raízes afrodescendentes e, ao longo de sua vida, construiu uma sólida relação comercial e política com o Reino de Daomé (atual Benim).

De Sousa desempenhou um papel crucial como intermediário entre os europeus e os governantes locais no fornecimento de escravos. Após fugir do Brasil devido a problemas políticos, ele estabeleceu-se no porto de Uidá (ou Ouidah), um dos principais centros do tráfico de escravos da África Ocidental, por volta de 1800.

- O Papel de Chachá no Tráfico de Escravos

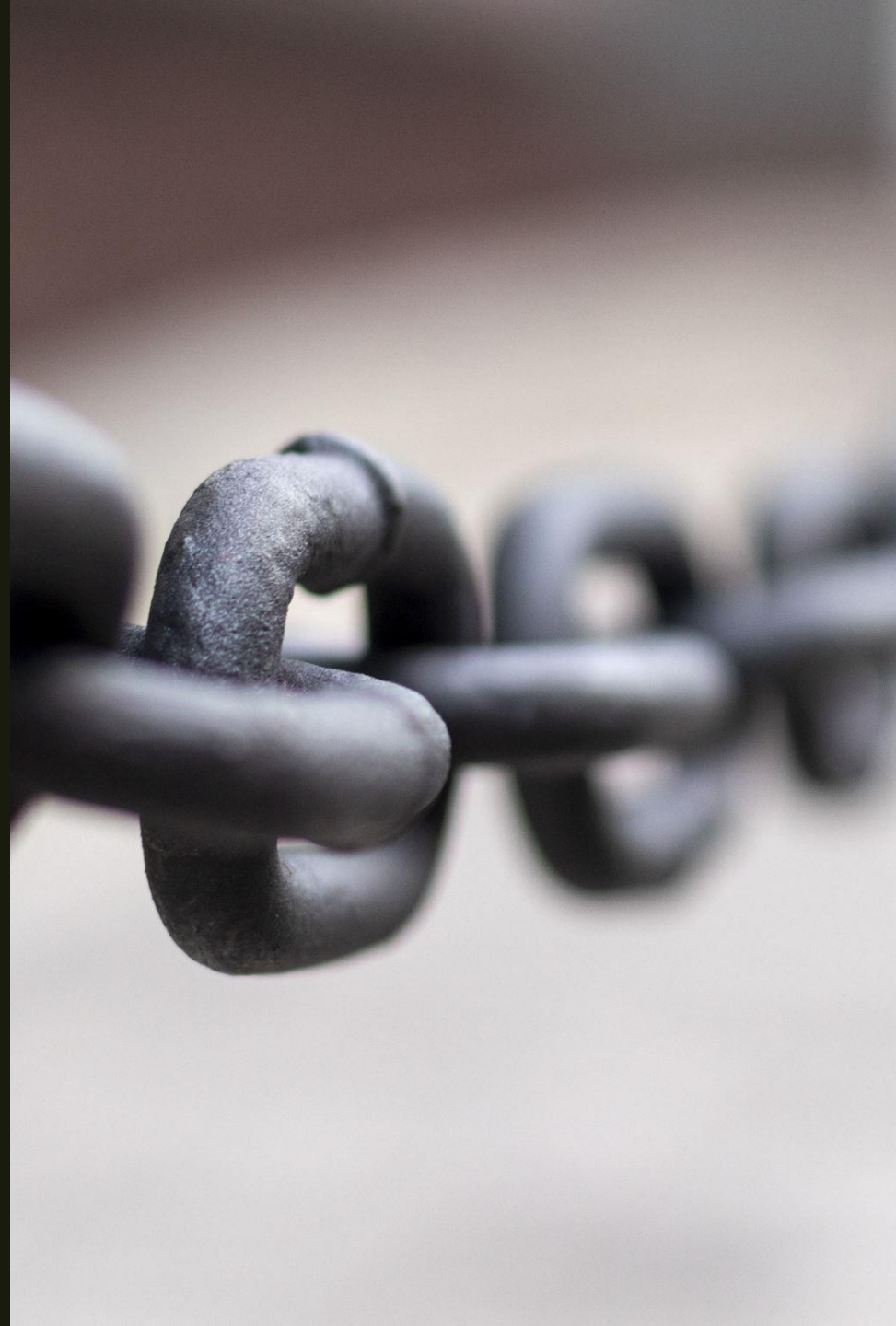
Francisco Félix de Sousa, conhecido como "Chachá", ajudou a transformar Uidá em um dos principais pontos de exportação de escravos africanos. Ele mantinha uma rede complexa de contatos e alianças com o Reino de Daomé, um dos mais poderosos reinos africanos da época, conhecido por sua tradição guerreira e por participar ativamente no tráfico de escravos.

O Reino de Daomé capturava prisioneiros de guerra e civis de regiões vizinhas durante suas expedições militares, e essas pessoas eram vendidas como escravos aos comerciantes europeus e brasileiros. O papel de Chachá era atuar como intermediário, facilitando o comércio e mantendo boas relações tanto com o rei de Daomé quanto com os comerciantes europeus. Em troca, ele oferecia armas, pólvora, tecidos e outros bens de luxo aos líderes da região.

Sua influência era tão grande que, em 1818, o rei de Daomé o nomeou oficialmente como "Chachá" de Uidá, um título que lhe conferia poderes quase monárquicos no porto, permitindo-lhe agir como representante do rei no comércio de escravos e nas relações diplomáticas com potências europeias, como a França e Portugal.

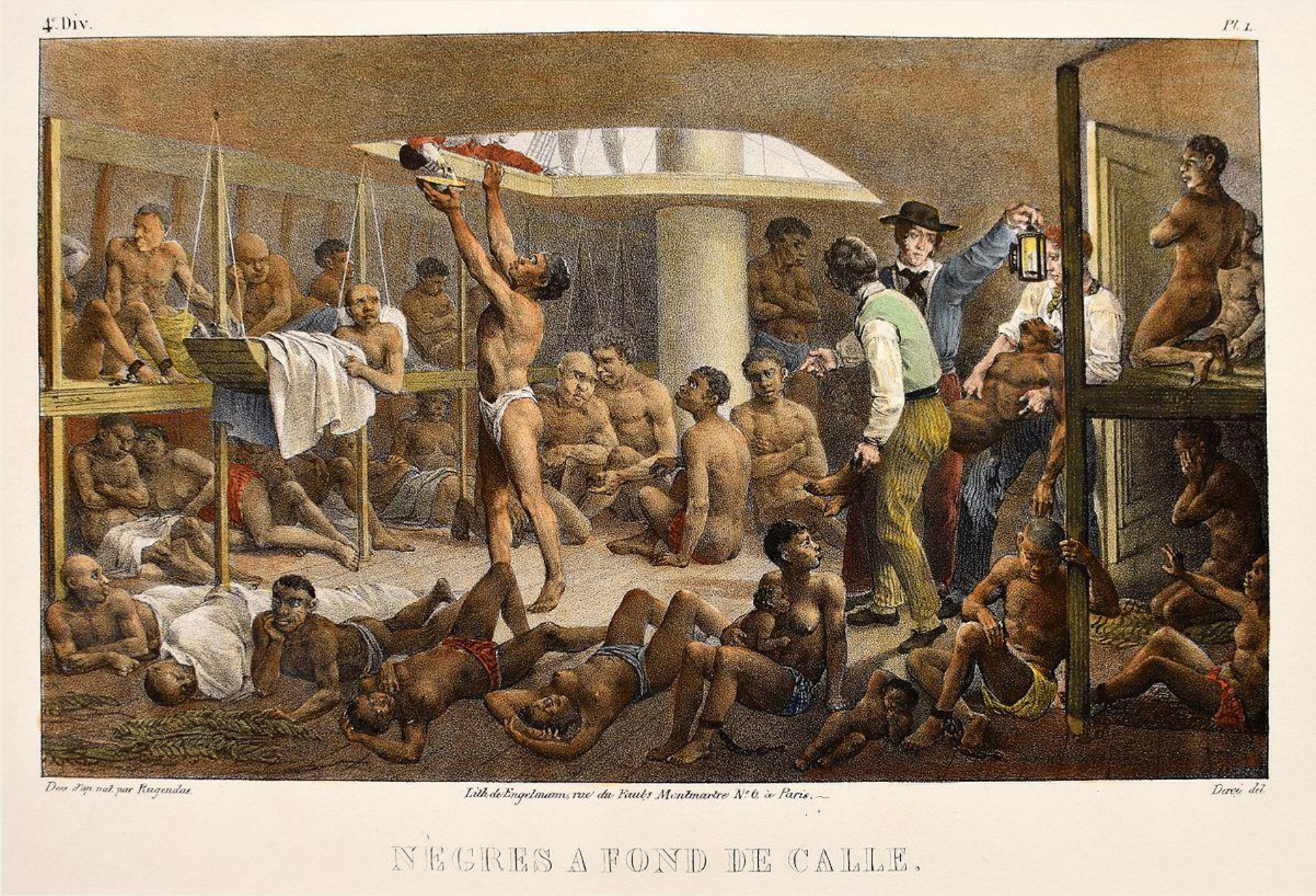
Divisão do trabalho do comércio de escravos

- Por último, acompanhando os passos do ***chachá***, historiadores demonstraram que uma ampla rede de serviços foi formada em função do comércio atlântico de escravos.
- Um agenciava a compra de cativos; outro cuidava da segurança dos depósitos de mercadoria humana; outro adquiria para ela alimento e água.
- **Havia, ainda, quem mantivesse roçados, capoeiras e currais para gado miúdo, para abastecimento dos barracões e dos navios negreiros,** bem como quem fornecesse ou **contratasse canoas e remadores para transportar os escravos da praia às grandes embarcações**

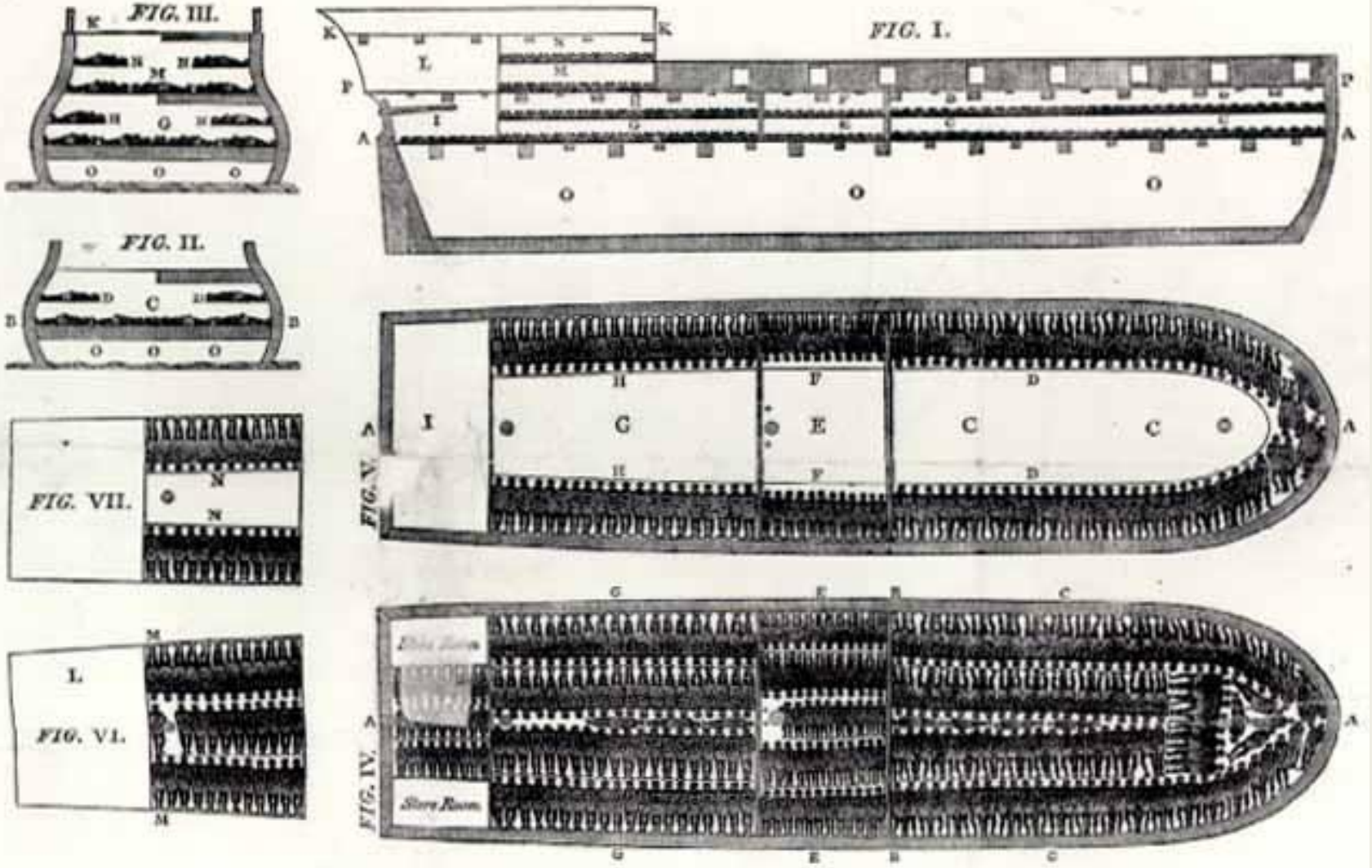


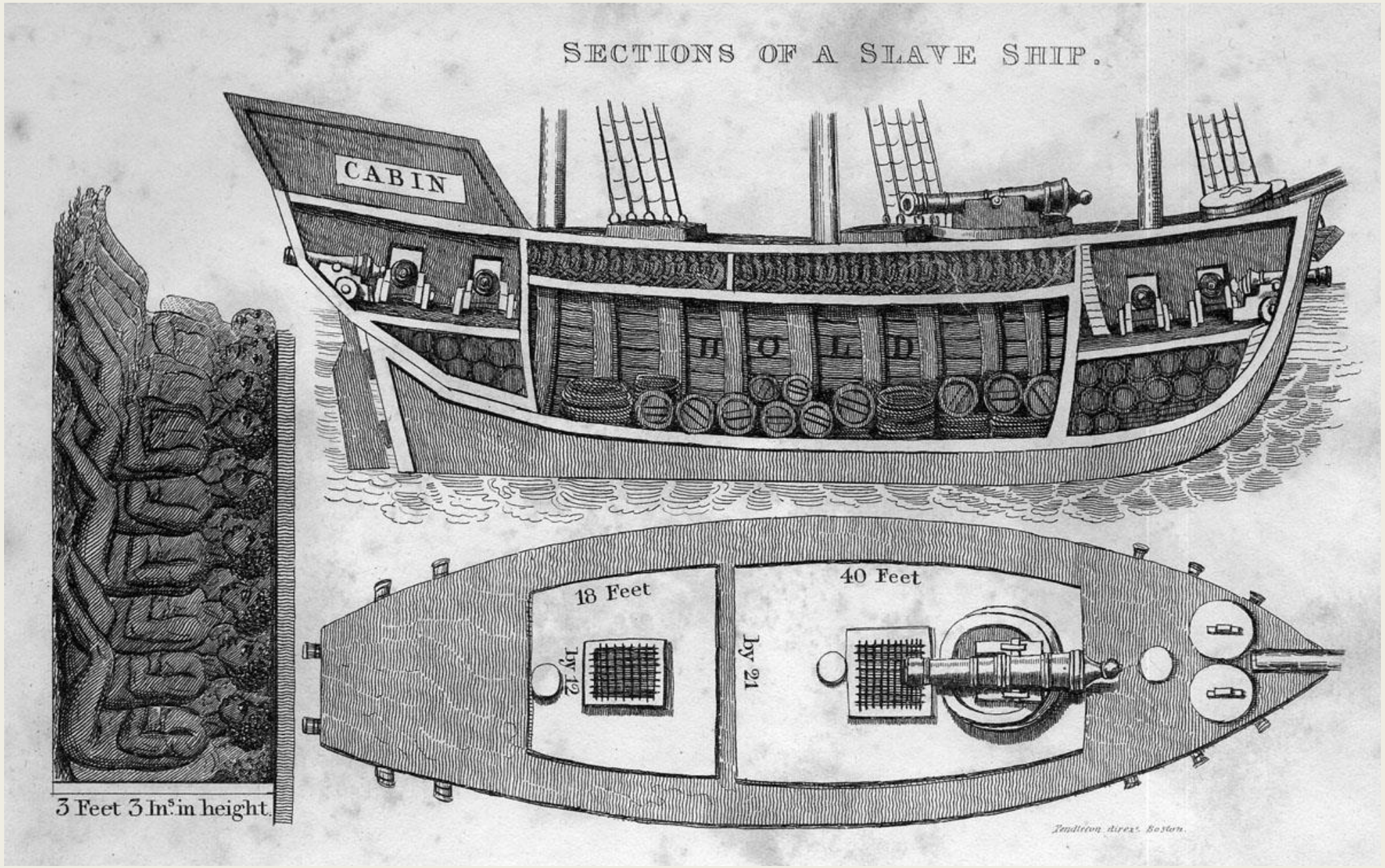
Condições do Navio Negreiro

- Para Hebert Kelin, há uma mitologia em torno das descrições em torno dos navios negreiros.
- Ao longo do século XVIII, tecnologias foram utilizadas para diminuir a mortalidade.
- As condições nas navegações eram muito piores que o transporte de prisioneiros. Entretanto, a mortalidade diminuiu em 5% com reserva de água, vacinas e inovações tecnológicas nas embarcações.


4e Div.
Pl. 1.
Dess. d'ap. nat. par Rugendas.
Lith. de Engelmann, rue du Faubg Montmartre No 6, à Paris.
Deroi del.
NÈGRES A FOND DE CALLE.

DESCRIPTION OF A SLAVE SHIP.




SECTIONS OF A SLAVE SHIP.
CABIN
H O L D
18 Feet
by 12
40 Feet
by 21
3 Feet 3 Ins. in height.

Mulheres no tráfico negreiro

- As mulheres eram um terço dos escravizados trazidos para a América. As crianças, cerca de 10 por cento.
- A teoria dos estudiosos não era a de que havia uma preferência pelo trabalho dos homens, mas de que as escravas no continente africano tinham um valor muito grande e os próprios africanos restrigiam o fluxo.
- As mulheres escravizadas eram incorporadas à linhas de parentesco, principalmente na África Ocidental. Tal prática conferia prestígio aos reis.
- Nas Américas, as mulheres desempenharam os mesmos trabalhos que os homens nas plantations

O subdesenvolvimento da África

- O caráter rudimentar da divisão do trabalho e a escassez de mercados internos só podiam prejudicar o desenvolvimento das atividades manufatureiras além do estágio artesanal.
- Tal industrialização seria ainda entravada pela importação desenfreada de produtos manufaturados, provenientes da Europa e do Oriente, destinados à troca por cativos.

Subdesenvolvimento africano no processo de formação do Atlântico

- setores agrícolas e industriais não capitalizados, bem como grande número **de pequenos Estados, em mãos de comerciantes e guerreiros ligados à escravatura, a África reunia todas as condições necessárias à sua dependência *vis-à-vis* das economias industrializadas na zona atlântica**, tanto no que diz respeito à venda de suas matérias primas, quanto no que tange à compra de produtos manufaturados e de serviços, dos quais necessitava.
- **As bases da dependência econômica estavam, portanto, solidamente estabelecidas em meados do século XIX**, época em que o tráfico de escravos chegou a seu ocaso. A partir do fim desse mesmo século, a dominação colonial acabaria por consolidar essa situação.